

A ORDEM DE ROSETA

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária completa • Projeto de adaptação editorial e audiovisual

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais



1. Ficha da obra

Título: A ORDEM DE ROSETA

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Thriller de conspiração internacional / suspense policial / mistério arqueológico.

Extensão: 230 páginas.

Estágio de desenvolvimento: Obra literária completa.

Ambientação: Londres, Roma, Sydney, Rio de Janeiro, Cairo e outros cenários da investigação internacional.

Público-alvo: Jovens adultos e adultos interessados em suspense, ação, enigmas históricos e conspirações.

Formato de exploração: Edição literária e potencial adaptação audiovisual.

2. Pitch

Uma organização secreta de raízes egípcias transforma uma pedra de extraordinário poder em instrumento de dominação mental. Sob a liderança do enigmático Mentor, a Ordem de Roseta desencadeia atentados contra monumentos emblemáticos, ameaçando vidas, patrimônios culturais e a estabilidade econômica internacional.

O inspetor David Fink e seu auxiliar John Flick, da Interpol, enfrentam uma rede de discípulos submetidos ao controle da Ordem. No centro do plano está Alexandra Pazelli, premiada jornalista que se torna peça decisiva de um confronto entre informação, poder e terror.

3. Sinopse

O enigmático Mentor torna-se líder de uma antiga seita egípcia que cultua uma pedra encontrada em 1799, pelas tropas napoleônicas. Rebatizando o grupo com o nome de Ordem de Roseta, ele deseja impor sua vontade ao mundo utilizando os poderes hipnóticos que emanam da pedra, arquitetando um ardiloso plano para atingir as bases da civilização ocidental.

Do seu esconderijo em Londres, Mentor transforma jovens universitários em suas farahs e seus domos, sob total controle mental da pedra, conduzindo-os como instrumentos para uma série de assassinatos e atentados contra importantes monumentos ocidentais, como o Opera House, em Sidney, na Austrália, o Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil e o Museu Britânico, em Londres, na Inglaterra, levando o pânico ao mundo e o horror às empresas de seguro por todo o planeta, desafiando todas as autoridades policiais do planeta.

Compete ao inspetor Fink, e ao seu auxiliar, membros da Interpol, investigar e enfrentar o sórdido plano de Mentor e do seu principal escudeiro, conhecido por Vizir, desafiando a morte e tentando salvar da destruição a economia e a civilização ocidental.

Do sucesso da ação de Fink e dos agentes, dependem não apenas os símbolos ocidentais, mas, principalmente, a vida de muitos e o futuro de uma famosa jornalista da BBC de Londres, figura especial nos planos do sórdido líder Mentor.

4. Diferenciais e posicionamento

Conspiração com raízes históricas. Uma pedra associada à campanha napoleônica de 1799 conecta o passado egípcio a uma ameaça contemporânea.

Antagonista de identidade oculta. Mentor dirige a Ordem com disfarces e manipulação psicológica; Abdulah Al Makif, o Vizir, atua como seu principal aliado.

Escala internacional. A ação articula Londres, Sydney, Rio de Janeiro e outros centros, com monumentos mundialmente reconhecíveis.

Três frentes narrativas. A investigação da Interpol, a cobertura jornalística de Alexandra Pazelli e o impacto dos atentados sobre o mercado de seguros ampliam o suspense.

Elementos visuais próprios. A pedra multicolorida, os amuletos egípcios, os rituais secretos, os disfarces e os enigmas permitem uma identidade audiovisual reconhecível.

Personagens em conflito. A tensão entre Mentor, o Vizir, Fink, Flick e Alexandra sustenta o eixo humano da trama.

5. Potencial editorial e comercial

A ORDEM DE ROSETA reúne mistério arqueológico, ação policial, suspense conspiratório e ameaça econômica global, aproximando leitores de thrillers internacionais e narrativas de investigação.

A presença de cenários mundialmente reconhecidos, da Interpol, da BBC e de uma organização secreta favorece uma apresentação editorial clara, com forte apelo visual e possibilidades de divulgação por meio de capas, trailers e peças digitais.

A narrativa combina um enigma central de longa duração com acontecimentos de grande impacto, oferecendo ganchos para o público interessado em sociedades secretas, símbolos antigos e intrigas contemporâneas.

6. Potencial de adaptação audiovisual

Estrutura dramática: o atentado à Opera House e a ligação da Ordem com Alexandra oferecem abertura de forte impacto e desencadeiam a investigação internacional.

Sequências visuais: a pedra e seus reflexos, os rituais de iniciação, as ações de farahs e domos, os monumentos ameaçados e as operações da Interpol permitem alternar suspense intimista e grandes cenas de ação.

Núcleo de personagens: Mentor, Vizir Abdulah Al Makif, Alexandra Pazelli, David Fink e John Flick sustentam o conflito principal, com espaço para personagens secundários ligados à BBC, às seguradoras e às autoridades locais.

Conflito temático: manipulação da mente, liberdade individual, circulação da informação e fragilidade dos símbolos culturais e financeiros diante do terror.

Formatos possíveis: longa-metragem de suspense internacional ou série limitada de thriller investigativo, com progressão por atentados, enigmas e descobertas.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores jovens adultos e adultos interessados em thrillers policiais, conspirações internacionais, sociedades secretas, mistérios do Egito antigo, jornalismo investigativo, ação e suspense de escala global.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentos Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, prólogo e capítulos 1 a 7



PRÓLOGO

O televisor exibia imagens da rede internacional BBC provindas de Roma. Na tela, uma jornalista italiana sorria ao receber mais um prêmio. Diante do aparelho, em pé, um homem na casa dos cinquenta anos, esboçou um sorriso e alisou algumas fotos presas na parede ao lado. Eram fotos de Alexandra Pazelli, a jornalista que acabava de receber o Pulitzer.

Deu alguns passos e deixou a sala, andando por um corredor pouco iluminado. Botou um capuz que tinha uma saída emborrachada para a voz, e abriu uma porta de metal, verificando que suas hóspedes ainda estavam sonolentas. Apagou o feixe de luz que iluminava uma grande pedra e estalou os dedos despertando-as.

- Tenho trabalho para vocês, minhas discípulas. – falou com uma voz metálica, exibindo três amuletos com entalhes egípcios.

Enquanto isso, a milhares de quilômetros de onde ele estava, uma jovem mulher se certificava de que não havia mais ninguém nas redondezas de um importante monumento local. Ela verificou os objetos que trazia atados à cintura e acenou para um homem que a observava, de binóculo em punho, dentro de um carro parado na ponte do porto.

Menos de um minuto depois, o famoso Opera House, orgulho da cidade de Sidney e da Austrália, voava pelos ares, com um estrondo que sacudiu os alicerces de toda a cidade.

CAPÍTULO 1

Alexandra Pazelli era o sorriso em pessoa. Acabara de ganhar, pela terceira vez, o Pulitzer e tinha razões de sobra para sorrir. Iria trabalhar para a rede BBC, apresentando um programa jornalístico internacional, e o melhor: ao vivo para todo o mundo.

Sua atuação em episódios envolvendo o Vaticano e a rede de chantagens formada em redor do clero nos últimos anos, tinha sido o fator preponderante para a sua ascensão profissional. Filha de uma rica e tradicional família italiana da região de Toscana, onde seu pai era o chefe político local, a loira, de olhos azuis como o céu, sentia-se plenamente realizada, porque conquistara, pelos seus próprios meios, sem nenhuma interferência dos seus parentes, os principais prêmios da sua profissão.

Naquela hora ela estava espetacularmente elegante. Vestia um longo na cor azul, que causava suspiros nos homens e arroubos de inveja nas mulheres. Enquanto escutava os elogios, Alexandra procurava ansiosa, no meio da platéia, por Roberto Celluno, o seu cinegrafista e colega mais querido, descobrindo-o parado ao lado de um cavalete. Tentava se desvencilhar de um admirador, quando foi segura pelo braço por um idoso. Voltou-se e viu ares de sagacidade nos olhos do homem que a reteve. Ela sentiu o coração bater aceleradamente.

- *Alexandra* – disse-lhe o ancião com entusiasmo. Era um homem grande, com ar de bruto, cujas feições expressivas ajudavam a disfarçar o peso dos anos. Tinha olhos acinzentados que transmitiam confiança resultante da experiência de vida.

Ela parecia não acreditar. Mas era ele, e estava ali.

- *Papai!* – exclamou estourando de felicidade.

- Venha cá, filha. Estou muito orgulhoso de você.

O abraço foi fraternal e durou um tempo que se assemelhou a uma eternidade. Roberto Celluno se aproximou e, com uma reverência, cumprimentou o patriarca da família.

- Estou muito honrado em revê-lo, senhor Pazelli.

- Roberto. Chame-me pelo meu primeiro nome.

Como num passe de mágica, surgido de uma porta lateral, com ar visivelmente cansado, o superintendente da BBC, Matheus Blogery os interrompeu com um gesto educado.

Era um homem magro, moreno, com sobrancelhas cerradas e o queixo proeminente, que teimava em carregar um cigarro apagado entre os dedos, tido por muitos como uma pessoa estranha porque era metódico ao extremo e muito ligado a assuntos esotéricos e místicos, legados recebidos, segundo consta, dos seus ancestrais. Não parecia mais feliz do que os demais, por conta da premiação de Alexandra, porém, tinha um aspecto como o de alguém que acabara de perder um bilhete premiado de loteria.

As informações que chegaram até Alexandra davam conta que Blogery foi o principal responsável pela sua contratação, contrariando interesses de outros superintendentes que ansiavam colocar alguém da Inglaterra no lugar da italiana. Corria, também, o boato que Blogery nutria mais do que uma simpatia pela italiana. Talvez no imaginário dos seus colegas, Blogery pudesse vir a ter um romance com ela.

- Perdoem-me pelo atraso, tive que resolver alguns assuntos particulares. Gostaria de dizer que acabo de receber a informação que o Opera House de Sidney foi explodido – disse Blogery, em tom seguro, pondo as mãos nos ombros da loira e de seu pai.

Alexandra meneou a cabeça, atônita. Ele continuou:

- E a Interpol recebeu um telefonema do autor do atentado. Identificou-se como o chefe de um grupo que se intitula a Ordem de Roseta.

Blogery esperou as reações nos rostos dos seus interlocutores.

- E o mais curioso – fez uma pausa matematicamente medida – , é que o líder do grupo deseja falar com você, Alexandra.

- *Comigo?*

- Sim, com você. Segundo soube, ele quer que você fique à frente da cobertura sobre os acontecimentos que os seus seguidores irão provocar. Isso é culpa do sucesso. Você hoje é o rosto do jornalismo mais conhecido do planeta.

- Não brinque. Isso é mesmo sério? Qual a opinião da Interpol a respeito disso?

- Não sei ainda.

- E o tal líder disse algo mais?

- Deixou uma mensagem, na realidade um enigma. Quando fui informado quase dei risada.

Alexandra resmungou.

- Diga logo.

- Falou o seguinte: “*no alto do monte, não está mais na cruz*”.

- Uma charada?

Com um suspiro resignado, Alexandra colocou a mão sobre o braço do pai e fechou os olhos.

O Opera House de Sidney? Explodido? Um dos mais belos cartões postais do mundo destruído por um atentado? Quem seriam os loucos capazes de tamanho absurdo? E o que significava a charada? – questionou-se.

Deveria ser uma brincadeira de mau gosto. Certamente alguém em busca de fama. Isso logo seria descoberto pela Polícia. Mas por que queriam falar com ela? Pela sua fama? Por ser a jornalista em destaque na atualidade?

No seu íntimo esperava que tudo não fosse mais do que um grande engano, um desvario de algum lunático disposto a aparecer às suas custas. Sem esperar o convite, acompanhou Blogery até os camarins, sendo seguida pelo seu pai e por Celluno.

“Logo tudo será explicado” - pensou. “*Um enigma, que bobagem. Isso não deve ter nada a ver com a explosão do Opera House*”.

Ela nem desconfiava, mas a charada tinha tudo a ver com o Opera House de Sidney e com o que estava para acontecer, dentro de algumas horas, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

CAPÍTULO 2

A Oceania não é exatamente um continente, embora seja definida como tal nos mapas geográficos. Poderia ser melhor definida como uma divisão geográfica que inclui a Austrália, a Nova Zelândia e diversos aglomerados de ilhas espalhadas pelo Oceano Pacífico. São cerca de dez mil ilhas e atóis. A Austrália e a Nova Zelândia, habitadas principalmente por descendentes de europeus, possuem uma economia muito superior à dos demais países da Oceania, onde predominam nativos melanésios e polinésios, que vivem especialmente da pesca, da agricultura e do turismo.

O país-continente é conhecido como “*The Lucky Country*” – país de sorte, onde o emprego era abundante e a violência quase não existia. Sidney é a sua maior cidade, com mais de quatro milhões de habitantes. Nela quase tudo funciona de modo bom ou excelente. Ruas modernas, monumentos vistosos e uma porção de pontos turísticos. Possui belas praias e uma economia poderosa. Foi sede dos Jogos Olímpicos de 2000 e é um dos melhores lugares do mundo para se praticar esportes aquáticos, como natação, surfe, vela e mergulho.

Naquele dia de sol forte e de brisa suave, entretanto, não haveria espaço, tempo ou disposição para a prática de qualquer dessas modalidades esportivas por nenhum dos mergulhadores que estavam nas águas abaixo da Ponte do Porto. Os mergulhadores e uma centena de outros profissionais, entre eles, tratoristas, médicos, bombeiros, policiais e funcionários públicos, em meio a escombros e muita poeira, teriam um único e grandioso objetivo: descobrir como, por que e quem levou a cabo a destruição do Opera House de Sidney.

- *Chefe Neilson* – gritou um jovem oficial do Departamento de Bombeiros, sacudindo um objeto retirado dos entulhos.

Odric Neilson, um sessentão barrigudo, com olheiras vibrantes, aproximou-se e viu o achado.

- Um celular?

- Encontramos no mesmo local onde estava o corpo despedaçado.

Neilson segurou o objeto em uma das mãos e fez uma cara feia, relembrando a figura bizarra que foi encontrada por seus homens. Segundo as informações recebidas, era um corpo de mulher, repartido em três pedaços devido à violenta explosão. Certamente o de uma transeunte ou de alguém do setor de serviços gerais. Foi o quarto corpo encontrado e era o único sem a menor identificação. Os outros três eram dos seguranças do Opera House. Não houve mais vítimas porque o local se encontrava deserto, em face da explosão ter ocorrido pela madrugada.

- Mande para a perícia. – disse, dando as costas.

- Senhor.

- *Que quer ainda?* – questionou, esbravejando. – Não vê que estou com o inferno debaixo dos meus bigodes?

- Tem mais uma coisa.

- Que raio de homem é você, Gordon? Parece uma moça. Por que não diz tudo de uma só vez?

O tenente Gordon abriu um saco e retirou de dentro dele um objeto metálico, forjado com metais tão firmes que nem o maior dos incêndios ou explosões parecia ter poder para arranhar sua superfície.

- O que é isso?

- Parece um medalhão ou um amuleto, senhor. Estava preso ao corpo da mulher. Vê esse lado? Tem alguns símbolos do Egito que...

Neilson o interrompeu balançando a cabeça.

- Como pode saber que esses garranchos são símbolos do Egito?

Gordon sentiu-se ofendido, mas segurou o petardo, esforçando-se para retribuir com um sorriso gentil.

- Sou graduado em museologia, senhor.

O chefe olhou para ele, surpreso.

- E que diabos faz no Departamento de Bombeiros? Falta de opção ou amor pelas tragédias?

Gordon estava cansado demais para se ofender com o que quer que fosse. Foi o mais objetivo possível no rebate:

- Senhor, aqui há inscrições ligadas aos deuses do Egito antigo, estou certo disso.

Houve um longo silêncio, como se o chefe quisesse dizer algo, mas não soubesse muito bem como. Seus lábios começaram a se mover, depois pararam. Sabia que Gordon O'Neil era um dos seus mais promissores oficiais, meio abobado, porém, educado e culto. Se ele afirmava que aquilo era um objeto do Egito, certamente estaria certo.

“Mas, que diabos uma mulher com um amuleto do Egito estaria fazendo ao lado do mais famoso monumento da Austrália, exatamente no momento da explosão, em plena madrugada? Alguma turista que teria perdido a noção de fuso horário?” – pensou.

- Ora....joga isso fora homem. – disse, dando um tapinha no ombro do tenente. – Essa porcaria não deve ter nada a ver com o que ocorreu aqui. Vamos, venha comigo. Temos muita coisa a fazer.

Gordon O'Neil deixou-o ir na frente e logo o seguiu. Mas não jogou fora o amuleto e nem iria enviá-lo para a perícia. Alguma coisa lhe dizia que deveria ele mesmo proceder a análise daquele objeto.

CAPÍTULO 3

A milhares de quilômetros dali, dois homens travavam uma conversa telefônica que tinha tudo a ver com o amuleto encontrado no meio dos escombros pelo tenente Gordon O'Neil.

- Foi bem-sucedido?

- *Perfeitamente, Mentor* – respondeu o outro. Suas palavras soavam duras como granito.

- E não haverá dúvidas quanto à responsabilidade?

- De modo algum. Ela estava usando o medalhão quando a explosão ocorreu.

Houve um breve silêncio.

- Diana era uma boa discípula, não é verdade Mentor?

- *Farah* Diana, meu *vizir* Abdulah. – observou o outro. – Não devemos nos referir aos nossos discípulos de outra forma. Os homens são os nossos *domos*, e as mulheres as nossas *farahs*. São os dedos de nossas mãos e as pupilas de nossos olhos.

- Está certo. E o senhor é o nosso eterno Mentor, o guia para a Nova Era, quando os deuses retornarão, após termos afastado os símbolos que os prenderam por tanto tempo.

- Sim, *Abdulah*...e eu tenho muito orgulho de tê-lo como vizir da nossa ordem. Na verdade, você é quem deveria ser o Mentor, mas...

- Por favor, nobre Mentor, – ponderou o vizir. – desde que o conheci não tive a menor dúvida de que os deuses habitam em você. Meu papel foi o de conduzi-lo à Ordem para que você viesse a liderá-la. Esse é o seu destino.

Mentor silenciou. Ainda era capaz de dizer o dia e a hora em que conheceu o egípcio Abdulah Al Makif em uma casa de chá no Cairo, da qual este era o dono. Corria o ano de 1974 e ele estava no Egito resolvendo assuntos ligados à sua família, quando se envolveu numa rinha que não era sua. Na verdade, salvara a vida de Abdulah, que discutia com uma espécie de gorila de dois metros de altura, por conta de um débito:

- *Você não fez o pagamento e sabe quais são as regras de Rachif.*

- *Juro que fui roubado* – explicou Abdulah, implorando. – *Não tive intenção de trair Rachif.*

- *Mentira.*

O egípcio tentou dizer alguma coisa, quando um soco lhe impediu. A violência foi tão grande que ele se estatelou contra as cadeiras, quebrando umas quatro delas, caindo bem aos pés daquele que iria salvá-lo: o futuro líder do grupo secreto que ele fazia parte, o Mentor.

- *Não acha que está exagerando, senhor?*

- *Não se meta, americano* – rosnou o brutamontes. – *Isso não é da sua conta.*

Ele riu e manteve-se calmo.

- *Não sou americano, meu caro. Eu sou um servo da Rainha.*

O bruto chegou bem perto e o mediu de cima a baixo.

- *Não gosto de ingleses* – disse, cuspiendo no chão ao lado de Mentor.

Em seguida, disparou um soco em sua direção, errando terrivelmente o alvo, porque Mentor desvencilhou-se, ágil como um gato, graças aos muitos anos de atuação na academia da Real Força Aérea.

- *Também não sou inglês* – falou Mentor, sem agitar um músculo sequer, dando um empurrão no gigante.

- *Infiel, seja inglês ou escocês, vou acabar com você* – urrou o gigante, saltando sobre ele. Outra vez sem obter êxito, porque Mentor se desviou, deixando o homem se esborrachar contra a parede.

- *Errou de novo, não sou escocês.*

E, sem esperar novo ataque, pegou o oponente por trás, aplicando-lhe uma violenta gravata.

- *Por favor* – disse Abdulah. – *Não o mate. Não aqui na minha loja.*

Ainda segurando o homem pelo pescoço, Mentor sorriu.

- *O que você deve a ele?*

- *Ele é o capataz de Rachif, que é o dono da segurança no local. Ele nos protege contra os ladrões e todos nós, os comerciantes da região, pagamos uma espécie de mesada, entendeu?*

- *Sim, uma extorsão.*

Abdulah concordou, abaixando a cabeça.

- *Quer que ele esqueça de uma vez por todas da dívida?*

Abdulah não entendeu. Sem esperar respostas, Mentor soltou o gigante e lhe mirou no fundo dos olhos.

- *Olhe bem para mim.* – disse, alargando os olhos. – *Não tire os olhos dos meus. Assim, respire, fique calmo. Você vai relaxar...*

Três minutos depois, para surpresa do egípcio, o brutamonte estava hipnotizado repetindo as ordens que Mentor havia lhe dado.

- *Agora vá e faça como lhe ordenei.*

O homem saiu roboticamente do local sem nem olhar para Abdulah.

- *Ele irá fazer o que você mandou?*

Mentor apenas sorriu. Dois dias depois o próprio Abdulah confirmou sua indagação, quando soube através dos seus colegas comerciantes, que Itzar Maede, o homem que estava lhe cobrando o pagamento, tinha assassinado a tiros o seu chefe, Rachif, cometendo suicídio em seguida.

A impressão dos fatos foi tão forte, que Abdulah não teve dúvidas e não sossegou até reencontrar o homem que lhe salvara a vida.

Foi dessa forma que ele conheceu a Ordem de Roseta, que Abdulah liderava e que, algum tempo depois, passaria a comandar, por determinação do próprio egípcio, que enxergou nele a possibilidade de destruir o mundo ocidental, sua cultura e seus deuses.

A comunicação entre ambos é regular, mas quase sempre por telefone. Quando comparece ao local de reuniões da Ordem, Mentor se utiliza de um capuz com dissimulador de voz. Nenhum dos membros da sociedade conhecia o seu rosto, exceto Abdulah. Mentor, desde que o conheceu, se apresentou com um nome e identidade falsos, coisa que o egípcio desconhecia inteiramente até há alguns anos, quando decidiu vir em definitivo para a Inglaterra, oportunidade em que alterou, também, o próprio nome, assumindo nova identidade.

Mentor dirige os rituais secretos de iniciação, comanda o grupo, seleciona os novos membros. É quem usa os poderes da pedra sobre a qual a sociedade foi fundada.

Uma pedra composta de metais e minérios estranhos, tendo no seu centro cristais multicoloridos, numa mistura de quartzo, diamante,

esmeralda e rubi. Os ancestrais de Abdulah usavam-na em ritos hipnóticos e místicos, em sessões ao ar livre, expostos ao sol. A pessoa que fixasse o feixe de luz que jorrava da pedra, perdia o controle das próprias ações. Era como uma lavagem cerebral. A partir daí, o controle da mente e da vida daquela pessoa seria gerido por aqueles que controlavam o poder da pedra.

Mentor resolveu substituir a luz do sol por outras artificiais. E tem obtido muito sucesso na seleção dos domos e das farahs e no controle absoluto de suas mentes. Ele tem muitos planos para a organização, alguns não segredados ao seu vizir Abdulah, e outros com ele partilhados, inclusive, um grande plano de expansão mundial para a Ordem, o que teve início exatamente com o ataque ao Opera House de Sidney.

- Meu vizir, – disse com sua característica voz metálica – está na hora do segundo ato.

CAPÍTULO 4

Madison e Glythe Corporation era considerada uma das mais sólidas organizações financeiras do mundo. O ponto forte de sua atuação se verificava como seguradora dos principais bens do planeta. Dizia-se que três por cento de toda a riqueza da Europa e dos Estados Unidos tinham contratos de seguro com a Madison e Glythe. A sua influência era tamanha que certa vez um deputado britânico comentou que até mesmo a coroa da Rainha estava segura pela poderosa instituição.

O surgimento da empresa se deu em fins do século XIX, mas precisamente em 1898, quando os irmãos Madison abriram uma pequena operadora de crédito, em Bristol, na Inglaterra. De origem norte-americana, os Madison conheceram os rigores da economia europeia antes e depois da Primeira Guerra Mundial, o que os levou a pensar em fechar o negócio e retornar para a Pensilvânia.

Mas eis que houve uma injeção de capital por parte de Henry Glythe, nobre gaulês que vislumbrava na firma uma opção para aplicação da fortuna que auferira em muitos anos na agricultura. Foi um golpe de sorte. Mesmo minoritário, Glythe salvou a empresa e sugeriu uma mudança nos seus rumos comerciais, passando a tratar da área de seguros, o que expandiu os negócios.

As décadas se sucederam e a Madison e Glythe agigantou-se, dominando o mercado, estendendo suas teias para a América Latina e o Leste Europeu, mantendo, claro, as bases já bem firmadas nos Estados Unidos e na Inglaterra. O curioso da sociedade é que Henry Glythe, homem agrário e de pouca cultura, mas de muita visão para negócios, desde o início acreditou que os seus sócios deveriam ficar à frente dos desígnios da empresa, mantendo-se sempre como sócio minoritário.

Pensando assim, ele impôs no contrato da sociedade uma cláusula de ressarcimento, caso os administradores não cuidassem bem dos negócios da firma. Uma espécie de seguro contra uma empresa de seguros.

Naturalmente que os Madison, ansiosos pela entrada do capital de Glythe, aceitaram as condições sem discutir.

A prova de fogo dessa parceria se deu no episódio envolvendo a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. Os Madison souberam gerir perfeitamente a instituição, fazendo com que fosse uma das poucas a sobreviver após o vendaval financeiro que varreu o mundo. Isso, evidentemente, deixou a sociedade fortalecida, transformando os Madison e os Glythe em praticamente uma só família, onde as regras já estavam estabelecidas e todos ganhavam com isso.

Os irmãos Madison e Henry Glythe faleceram no mesmo período, no início dos anos 1950. Seus sucessores mantiveram a empresa em linha crescente, aumentando cada vez mais a sua participação no mundo dos negócios. Tanto que a grande maioria dos bens públicos e privados na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina são segurados pela Madison e Glythe Corporation, especialmente após a onda de medo gerada pelo atentado às Torres Gêmeas, em 2001.

A gigantesca empresa tinha, assim, sob seus rígidos contratos de seguros, obras de arte, igrejas, prédios públicos, segurava seis entre cada dez destacados monumentos do mundo ocidental, inclusive, confirmando a piada do deputado do Parlamento britânico, a própria coroa da Rainha.

Em sua sede inglesa, no coração financeiro de Londres, naquele dia, um alvoroço tomou conta do Departamento de Operações e Seguros, fazendo a sua diretora Helena Mallory tomar dois comprimidos de uma só vez de lexotan.

- O Opera House foi completamente destruído, senhora Mallory – informou-lhe o assistente, sem lhe encarar. A fama de Helena de explodir em público, dando verdadeiros esculachos nos seus comandados quando era a última a saber de um acontecimento, era por demais conhecida.

- Será que preciso aguardar uma notícia sair na televisão para vocês me informarem?

- Bem, é que...

- Está em todos os canais. O mundo todo já sabe que o Opera House foi explodido. Do papa ao presidente dos Estados Unidos, do Primeiro Ministro

até o mais simples digitador do Parlamento...todos já sabem disso. E você vem falar para mim como se tivesse uma notícia fresquinha?

- É que...como sabe, o Opera House estava segurado pela nossa instituição.

- Claro que sei, e daí?

O assistente olhou para trás sobre os próprios ombros e viu que seus colegas estavam em silêncio, observando-o enfrentar a fera.

- A interpól quer falar com a senhora. Suspeitam que exista um grupo terrorista por trás da explosão.

Helena Mallory juntou os dedos na frente do rosto e, para surpresa do seu assistente, silenciou. Ordenava na mente uma idéia capaz de manter a empresa livre de qualquer prejuízo.

“Será que poderemos afastar a nossa responsabilidade?”, pensou.

CAPÍTULO 5

David Fink tinha alguns bons motivos para esperar por Alexandra Pazelli: achava-a linda, inteligente e, principalmente, era sinônimo de sucesso. Se fosse elaborar uma lista com os nomes mais importantes do meio jornalístico na atualidade, certamente, não deixaria de fora o da italiana.

Esperava-a desde cedo. Aliás, já estava pensando nela em plena madrugada. Quando recebeu a confirmação de que Alexandra chegara à Inglaterra e iria vê-lo para saber mais sobre a charada enviada para a Interpol, ele quantificou quantos minutos faltavam para aquilo que entendia como “*o grande evento da semana*”: encontrar-se com a mulher mais famosa da Itália.

Fink era o tipo que quando cisma com algo, vai até o fim. Colocou na cabeça que Alexandra era uma deusa, um ícone de beleza e de inteligência, e nada o faria mudar de idéia.

Seus colegas o gozavam pelo fato de estar solteiro aos quarenta anos e, segundo se comentava, ainda “*virgem*”. Ele não era um homem necessariamente bonito. Alto, cabelos abundantes e negros, tinha um topete que herdou do pai e sobancelhas eriçadas. Branco como uma folha de papel, Fink não gostava de tomar sol e nem suportava banho de mar.

- Por isso é que não arranja mulher – comentava um colega, em tom sarcástico.

A mera notícia de que foi anunciado o nome de Alexandra junto com a charada enviada para a Interpol, levantou-o da cadeira.

“Finalmente vou vê-la de perto”.

Americano de nascimento, filho de pai alemão e mãe inglesa, David Fink morava na Europa há mais de vinte anos e estava na Interpol desde 1992, quando se destacou na prisão de terroristas bascos que planejavam dinamitar o estádio do time de futebol Real Madrid, o que lhe conferiu duas seguidas promoções.

Hoje responde pelo Departamento de Combate ao Terrorismo da Interpol, com sede em Genebra e sucursais em quase todas as capitais européias.

- Inspetor Fink – disse um jovem sardento, abrindo suavemente a porta de vidro.

Os olhos verdes de Fink brilharam como holofotes diante da chegada de artistas ansiosamente esperados.

- *Ela chegou, Flick?* – perguntou fazendo uma cara que pedia o arremesso de um tapete vermelho para receber a tão esperada visita.

John Flick sorriu, suas sardas quase estouraram. Ele era o auxiliar direto de Fink. O inspetor não dava um passo sem a sua presença. Como seus nomes eram parecidos, Fink e Flick, muitas vezes a piada do dia envolvia trocadilhos que não agradavam a nenhum dos dois.

O inspetor tinha um grande carinho e respeito pelo jovem detetive, o qual, formado em engenharia nuclear por imposição da família, ingressara por opção própria na polícia. Fink era muito grato a Flick por conta das vezes em que este salvou a sua vida, uma delas durante tiroteios com mafiosos russos, em Bruxelas. Flick era um excelente atirador e, naquele dia, enquanto Fink se via entre fogo cerrado, quase sem balas, ele decidiu uma cartada decisiva, jogando-se de cima de um tanque sobre dois russos, disparando durante a queda suas duas pistolas Pk-47, alvejando os adversários.

“E ainda caiu de pé, feito um gato”, foi o comentário de rodapé que Fink fez no seu relatório ao chegar na sede da Interpol.

- Chegou, inspetor. Está aí fora, linda e cheirosa.

Fink franziu o rosto. Seu amigo brincou com ele.

- De brincadeirinha, chefe...mas, se ela vacilar, eu cheiro aquele pescoço branquinho e sedoso, cheiro sim.

- *Detetive Flick!*

- Ok, ok...sem cheirada no cangote...

Não houve mais brincadeiras. A porta se fechou e, dez segundos depois, tornou a se abrir. Alexandra a atravessou como uma rainha e cumprimentou

com entusiasmo o inspetor. Atrás dela surgiram Roberto Celluno e Matheus Blogery, com o característico cigarro apagado entre os dedos.

O sorriso do inspetor desabou ao ver os dois homens. Parecia que tinha recebido a notícia que seu clube favorito havia despencado para a segunda divisão. “*Que raios esses caras estão fazendo por aqui?*”, pensou, lançando imperceptíveis adagas afiadas pelo olhar até os dois recém-chegados. A jornalista, sacudindo os cabelos como uma leoa sacode a juba, não perdeu tempo, foi direta ao assunto:

- Desculpe se o fiz esperar. Senhor Fink. Mas, gostaria de ouvir a gravação do telefonema do terrorista. Acredito que tem uma, não é?

Abandonando a ficção criada pela expectativa em conhecê-la e assumindo o seu lado profissional, como se uma tomada tivesse sido ligada, Fink respondeu com uma revelação:

- Tenho também os arquivos com as filmagens feitas no Opera House, pouco antes da explosão.

CAPÍTULO 6

O segurança do Cristo Redentor já havia notado a presença da mulher, mas julgou que fosse embora assim que percebesse que tinha terminado o horário de visitas ao famoso monumento brasileiro.

Ela deu uma volta por trás da cabine de lembranças e estacou próxima do primeiro lance de degraus.

- Zom quatro, responda – disse o homem, falando pelo comunicador.

Não houve resposta. Ele insistiu:

- Zom quatro...delta seis, respondam.

Nada de respostas.

“Que raio está acontecendo?”.

Um barulho de muitas vozes trazido pelo vento o assustou. Virou para trás e viu, ao longe, as luzes do estádio do Maracanã. Era dia de jogo internacional entre as seleções do Brasil e da Argentina, valendo pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo da Alemanha.

Correu os olhos pela cabine de lembranças e não avistou a mulher.

“Onde terá se metido?”

Desceu alguns degraus e sentiu frio. Estava com medo. Mas por que? Que mal uma mulher poderia lhe fazer? Talvez se tratasse de alguma turista ou uma das muitas garotas de programa que ficam rondando os principais monumentos do Rio de Janeiro, atrás de dinheiro estrangeiro.

“E se fosse um fantasma?”.

Deu risada. Nada de fantasmas. A mulher era de carne e osso. E se certificou disso quando olhou para a tabela da cabine e viu um celular pendurado por um cordão, balançando ao vento.

“Eu sei o que essa vadia está querendo”.

Guardou o comunicador e se deslocou para o lado esquerdo do Cristo, pouco iluminado naquele dia, por conta de um surto elétrico ocorrido na parte da manhã.

Pensou que a mulher estava ali em busca de prazer em troca de alguns trocados. Olhou para cima e viu a parte baixa da face do Cristo. “*Perdoa-me, Senhor, se eu fizer por aqui mesmo, mas a carne é fraca*”.

Nem imaginava que em alguns minutos, iria encontrar a própria morte junto com aquela mulher.

CAPÍTULO 7

Em uma movimentada rua de Londres, o vizir deslocava-se de modo sinuoso por entre as últimas pessoas que teimavam a circular por aquele horário na noite londrina. Tinha nas mãos uma pequena e fina pasta e estava ansioso para verificar o resultado do trabalho dos seus subordinados.

“Tudo tem de correr bem”, disse a si mesmo, pensando na tarefa que seus domos e sua farah estavam desenvolvendo no Brasil.

Entrou em uma choperia, uma das muitas que oferecem diferenciados serviços em Londres, inclusive internet e espetáculos regados a muita cerveja.

O movimento naquela hora estava acentuado. Cruzou por rapazes e moças que pareciam hipnotizados com olhos fixos num telão colocado no fundo do salão.

O cheiro de cerveja e cigarro era forte, seria apenas mais um em meio aos que assistiam à transmissão do jogo de futebol entre as duas mais fortes seleções da América do Sul. A multidão vibra de repente, é gol do Brasil, o time da opção da maioria dos presentes.

Ele checa o relógio, sabe que pelo fuso horário está adiantado em relação aos seus fieis seguidores. Seus olhos negros brilhavam, cheios de expectativa. Ressucitara uma das fraternidades mais ocultas e antigas que já haviam existido no planeta.

Seus antepassados haviam formado uma organização que, no apogeu do Egito antigo, rivalizou com as grandes confrarias da época.

Fizera bem em admitir Mentor na Ordem de Roseta. Tinha a certeza de ter tomado a melhor decisão de sua vida. Jamais vira um homem com tanta cultura e tanto poder nos olhos e na voz como ele. Apresentou-lhe a pedra, a origem e maior herança da Ordem. Mentor fora feito para ela. Somente ele poderia explorar os seus poderes e dar seguimento às suas profecias.

Não restava dúvidas: Mentor era um enviado dos deuses e ele deveria conduzir a fraternidade. Seu plano para expandir a Ordem era infalível. As marcas do grupo logo seriam conhecidas e temidas em todo o ocidente.

“A fraternidade será imbatível. O mundo tomará outro susto esta noite”.

Sentou em uma mesa de canto afastada do grosso das pessoas e com uma visão privilegiada do telão, o jogo entrou em seu intervalo e chegava a hora do grande espetáculo.

- Vinho, por favor – disse para o garçom, com um sorriso amistoso.

- Fuma, senhor? – perguntou uma garçonete de pouca altura, oferecendo-lhe uma bandeja apinhada por diferentes marcas de cigarros e charutos.

Ele riu.

- *Ahn*, compreendo. É do tipo que usa apenas para enfeite – disse a mulher.

- Você é bem inteligente – retrucou.

- Apenas quando isso é conveniente, especialmente para homens mais velhos e com a pele bronzeada... – concluiu, afastando-se com um sacudir lânguido de corpo.

Abdulah puxou seu assento para a esquerda e fixou-se no telão. Depois olhou para o relógio e estalou os dedos.

“É a hora” – pensou, com um riso quebrado.